



## A construção do “bem” e do “mal” na era das Fake News: Uma experiência do PIBID de História e Pedagogia sobre literacia midiática.

BRANDÃO, Daniel Brandão Nunes<sup>1</sup>  
PEREIRA, Gladyson Stélio Brito<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID de História e Pedagogia, focada na literacia midiática diante do fenômeno das Fake News. O objetivo central foi analisar como a desinformação constrói narrativas maniqueístas de “bem” e “mal”, no ambiente digital. Por meio de debates em sala, conduzimos os alunos a refletirem criticamente sobre dois eixos temáticos: os conflitos contemporâneos no Oriente Médio e a propagação de discursos misóginos nas redes sociais. Durante as intervenções, os alunos foram estimulados a identificar mecanismos de manipulação e “meias-verdades” que sustentam o preconceito e a violência. As reflexões realizadas contribuíram para a conscientização sobre práticas machistas, violência contra mulher, feminicídio, refletindo-se positivamente no convívio escolar. O ensino de História, aliado a literacia midiática, é fundamental para a formação de cidadãos críticos na era da hiperinformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pensamento crítico, desinformação, cultura digital, ensino de História, discurso.

### INTRODUÇÃO

A disputa por narrativas é um trecho marcante da pós-modernidade. Filósofos como Foucault e Lyotard analisaram essa dinâmica em obras como *Microfísica do poder* e *A condição pós-moderna*. Hoje em dia, com o advento das redes sociais, essas disputas ganharam uma velocidade perigosa.

O ensino de História, por meio da análise de fontes e da articulação entre passado e presente, oferece instrumentos para que os alunos questionem as informações disseminadas em aplicativos de mensagens e plataformas digitais (MAGALHÃES; FREITAS, 2019).

Nos últimos anos, observa-se o crescimento de conteúdos misóginos na internet, especialmente entre jovens, sustentados por “memes”, uma falsa percepção da realidade e a imposição de inimigos inventados. (MARTINS, *et al*, 2025).

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura de História, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus 1*, daniel.alnuquerque.2024@alunos.uneal.edu.br

<sup>2</sup> Professor Doutor do curso de Licenciatura em História, *Campus I – Arapiraca*, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Coordenador de Área do PIBID/UNEAL. gladyson.pereira@uneal.edu.br



Nesse contexto de disputas narrativas, as observações realizadas durante o estágio do PIBID na Escola de Ensino Fundamental Governador Divaldo Suruagy, identificamos no linguajar dos alunos, certos termos utilizados comumente entre a comunidade “redpill”, como por exemplo os termos, “beta” e “alfa”, que reproduzem hierarquizações artificiais das relações humanas. Embora, muitas vezes tratados como brincadeira, tais expressões ocultam condutas misóginas e violentas (DUARTE, 2025).

Esse linguajar é bem comum nas redes sociais e é visto como piada ou brincadeira, mas, na realidade, esconde uma conduta misógina e extremamente violenta.

No 7º ano B da Escola de Ensino Fundamental Divaldo Suruagy, resolvemos optar pela realização de debates em sala de aula, com a intenção de causar uma reflexão crítica sobre essa temática, mas o debate não se limitou apenas ao pensamento misógino replicado na internet, além disso, abrangeram outras temáticas relacionadas ao uso de redes sociais e Fake News.

Muitos garotos tinham uma visão deturpada do feminismo, e estavam caindo nos discursos associados à chamada comunidade “redpill”, enxergando representações estereotipadas do feminino, como a imagem de mulheres sendo egocêntricas e gananciosas, pois é comum dentro dessas comunidades que as mulheres sejam resumidas a “interesseiras” (DUARTE, 2025).

Em outro debate, refletimos como as mídias são usadas para deturpar informações do cotidiano, especialmente político, criando uma dicotomia de “herói” e “vilão”, que pode ser vista no contexto da guerra que ocorre no Oriente Médio, onde processos históricos complexos são resumidos a binômios simplistas, resultando na estigmatização generalizada de populações inteiras.

O objetivo deste trabalho é relatar e analisar uma experiência de intervenção pedagógica voltada a promoção da literacia midiática. Portanto investiga-se como o debate orientado pode desconstruir narrativas maniqueístas, presentes em discursos de desinformação e misoginia, fomentando a autonomia crítica dos alunos diante do consumo inevitável de conteúdos nas mídias digitais.

## **METODOLOGIA**



A metodologia adotada para este relato de experiência é baseada na pesquisa-ação e na intervenção pedagógica, divididas em três momentos principais.

No primeiro momento fizemos o diagnóstico e observamos o comportamento dos alunos durante as aulas, identificamos as falas replicadas de comunidades extremistas, bem como termos usados de maneira inocente, mas que carregam o peso da misoginia (“alfa”, “beta” e “sigma”).

No segundo momento, realizamos uma aula expositivo-dialogada apresentando o conceito de Fake News de maneira sucinta, utilizamos exemplos conhecidos que exemplificavam a construção desses binarismos (bem vs. mal) em temas como o conflito no Oriente Médio e as relações de gênero.

Por último, organizamos a turma para debater sobre os conceitos, de maneira que todos tivessem espaço para falar. A experiência demandou duas aulas, uma para cada debate e a mediação ficou por conta do professor, que focou em questionar as origens das informações que os alunos apresentavam durante a experiência, promovendo a análise de fontes e, de certa maneira, tentando causar uma reflexão que, às vezes, um “meme” é muito mais do que uma piada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na turma do 7º ano B, onde os debates ocorreram no ano de 2025, foi possível perceber a penetração de conteúdos misóginos no vocabulário diário dos alunos. Muitos utilizavam os jargões famosos em formas de brincadeira ou ofensa com outros colegas.

Então, o professor da turma permitiu que os pibidianos fizessem algumas intervenções em sala, onde pudemos explicar sobre conceitos chaves, como machismo e misoginia e notícias falsas. Afinal, para aprofundar a discussão, é preciso solidificar a base.

Utilizamos casos reais, notícias e o conhecimento prévio que os alunos tinham para conectar as discussões propostas para o debate que estava por vir.

Inicialmente, foi possível notar que de alguma maneira os meninos utilizavam algum jargão da “machosfera”, na maioria das vezes como forma de brincar com outros colegas. Várias vezes foi observado alunos comentando: “não sobrou nada pro beta”, “é que eu sou sigma” e “isso é coisa de beta”.



Quando perguntamos se os garotos sabiam o significado desses termos, a maioria respondeu que sabia, separaram os termos nessas categorias: “Beta”, um homem visto como fraco ou “frouxo”, incapaz de conseguir um relacionamento; “Alfa”, um exemplo de masculinidade, um homem que alcança o que deseja e é alvo do desejo feminino; “Sigma”, aquele que fugiu dessa dinâmica e não necessita da aprovação da sociedade. Essa separação não foi por acaso, essa mesma visão hierarquizante é difundida em diversas comunidades na Internet (DUARTE, 2025).

Além disso, a partir das primeiras aulas sobre a temática, foi possível perceber a necessidade de ensinar práticas corretas de utilização da Internet, como a checagem de fontes e verificação da confiabilidade do veículo midiático que está sendo utilizado. Muitos alunos da sala não assistem jornais e muito menos abrem sites de notícias, sendo o uso comum de redes sociais e de vídeos curtos como o TikTok ou YouTube.

Alguns alunos começaram a nos questionar sobre os conflitos geopolíticos que estavam ocorrendo, principalmente entre Israel e a Palestina, e sobre as notícias que estavam sendo difundidas através de vídeos e imagens. A partir disso, elaboramos mais uma aula sobre como as notícias falsas são difundidas nessas redes. Utilizando exemplos próximos da realidade dos alunos, como grupos de Whatsapp, que podem ser utilizados para manipular os usuários através de notícias rápidas. As aulas introdutórias foram essenciais para o debate, pois agregaram no conhecimento que os alunos já tinham sobre os assuntos.

Após essa preparação, foi possível iniciar o primeiro debate, organizando a sala para que a dinâmica funcionasse, separando os grupos e então ouvindo o que cada um tinha a falar sobre o tema.

O primeiro tema era machismo na internet, e pudemos perceber que, a partir das perguntas que fizemos para iniciar as discussões, alguns alunos estavam com receio de opinar sobre, pois consideravam algo polêmico e poderiam falar alguma “besteira”. Optamos então por explicar que a escola é um local de aprendizagem coletiva e os alunos, dentro de uma dinâmica controlada, não devem ter medo de errar.

Apenas um garoto, dos 11 que estavam presentes, “defendeu” o direito das mulheres, o restante em algum momento do debate apresentou alguma opinião que recaía em misoginia. Por exemplo, muitos apresentavam a argumentação que os



homens sofrem porque as mulheres de hoje só se importam com dinheiro e bens materiais, outros diziam que a culpa do assédio que as mulheres sofriam estava nas vestimentas que elas optavam por usar.

Então, ouvimos as meninas da sala, elas se uniram na defesa e argumentaram que as mulheres não podem ser culpadas por sofrer assédio. Escutar o lado das meninas foi muito importante para os garotos, muitos deles não costumam ter contato social com as garotas da sala, isso acabou furando a bolha dos gêneros dentro da turma, possibilitando uma compreensão melhor da realidade feminina.

Na segunda aula, iniciamos o debate sobre manipulação midiática em conflitos geopolíticos, especialmente como as manchetes podem usar uma lógica maniqueísta para ofuscar o raciocínio crítico.

Durante os dois debates, nós optamos por fazer intervenções e trazer uma perspectiva histórica, especialmente sobre o direito das mulheres e como a comunidade “Redpill” distorceu essas conquistas e tornou as mulheres as vilãs (DUARTE, 2025).

Também, através do debate, os garotos reconheceram que algumas notícias na Internet, apresentam armadilhas argumentativas que levam ao leitor a ilusão dicotômica de conflitos que são mais complexos do que uma narrativa de heróis e vilões. Isso indica o desenvolvimento inicial de habilidades de leitura crítica.

Portanto, não podemos garantir que os alunos presentes mudaram radicalmente sua opinião após o debate ocorrido, mas o espaço criado possibilitou a reflexão e o diálogo que eles nunca tiveram com as meninas da sala, especialmente sobre esses temas. Recentemente, na volta às aulas de 2026, foi possível perceber uma conexão maior dos integrantes da turma e uma colaboração mútua.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar da pesquisa estar em andamento, podemos afirmar que o diálogo foi necessário para a compreensão de diversas temáticas importantes, trazidas nas aulas e nos debates entre os alunos.



Muitos alunos, após os debates, nos relataram que gostaram muito do modelo de aula e pediram por mais. Também, apresentaram uma nova perspectiva de mundo, com opiniões menos radicais e até reflexivas sobre os assuntos tratados. No início deste ano, alguns alunos relataram que não caíram em certas notícias falsas difundidas no TikTok, e agradeceram pessoalmente ao professor e aos pibidianos.

Portanto, a experiência desse modelo de aula foi positiva e impactou diretamente na rotina diária dos alunos, especialmente em relação aos conteúdos consumidos na Internet, além de possibilitar um diálogo melhor entre a turma e criar elos que podem ser levados até o fim do ensino fundamental.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho só foi possível ser realizado graças ao apoio da gestão da Escola de Ensino Fundamental Governador Divaldo Suruagy, e à supervisão do professor Adams Ferreira. Agradecemos também à participação dos alunos da turma do 7º ano “B”, bem como o suporte da coordenadora Alice Virginia Brito de Oliveira, do subprojeto do PIBID de História e Pedagogia, e ao professor Gladyson Stélio Brito Ferreira, coordenador voluntário do projeto.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”, por meio do programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) – Campus I.



## REFERÊNCIAS

DUARTE, Larissa de Abreu; RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; BERNARDES, Eduardo de Freitas. **Redpill no Reddit: discursos de misoginia, rejeição e identidade masculina em comunidades digitais.** *Mal-Estar e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 49-64, 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e introdução de Roberto Machado. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MAGALHÃES, Olga; FREITAS, Eliane Martins. **Contributo para uma reflexão sobre pós-verdade e ensino de História.** In: MORENO-VERA, Juan Ramón; MONTEAGUDO-FERNÁNDEZ, José (eds.). *Temas controvertidos en el aula: enseñar historia en la era de la posverdad.* Murcia: Editum, 2019. p. 17-26.

MARTINS, Victor; SERAFIM, Sophia Eduarda V.; PEREIRA, Lívia Caroline R.; ALVES, Amanda F.; FERREIRA, Carlos H. G.; ALMEIDA, Jussara M. **A Misoginia no YouTube Brasileiro: um estudo de caso sobre o conteúdo produzido pela comunidade Red Pill.** In: BRAZILIAN SYMPOSIUM ON MULTIMEDIA AND THE WEB – WEBMEDIA, 2025, Rio de Janeiro, Brazilian Computer Society, 2025. p. 28-53.